

A LITERATURA SAGRADA E O CONTROLE DAS MASSAS: O CASO DO ESTADO ISLÂMICO

SACRED LITERATURE AND THE CONTROL OF THE MASSES: THE CASE OF THE ISLAMIC STATE

Recebido em: 02/09/2025

Reenviado em: 03/02/2025

Aceito em: 12/02/2025

Publicado em: 18/03/2025

Paulo Fernandes da Silva Júnior¹ 
Universidade Estadual do Maranhão

Keyll Carlos Ribeiro Martins² 
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

Resumo: Neste trabalho é realizado um estudo do uso da literatura sagrada no controle das massas, analisando o caso do Estado Islâmico de acordo com abordagem hermenêutica de Paul Ricoeur, avaliando as implicações sociais, econômicas, políticas e religiosas. A forma de dominação não se existe apenas pela dita “revelação divina”, mas pelo embasamento escriturístico apresentado pelos representantes dos grupos religiosos que se utilizam de uma forma hermenêutica, muitas vezes alegórica, ou literalista, para implantação de suas visões de mundo. Assim, a força de dominação das massas, que podem identificados como grupos sociais, cidades e até países, em última análise, imana da literatura sagrada, desobedecê-la é desobedecer às ordenanças divinas. A metodologia aplicada ao trabalho é dividida na pesquisa histórico-bibliográfica sobre o islamismo, do surgimento do Estado Islâmico do Iraque e Síria, grupo fundamentalista islâmico, que assumiu atentados terroristas em diversas regiões do mundo, na abordagem hermenêutica clássica de Friedrich Schleiermacher (1768 – 1834) e Wilhelm Dilthey (1833 – 1911), a fenomenologia de Edmund Husserl (1859 – 1938) e Martin Heidegger (1889 - 1976) e da base contemporânea de Hans George Gadamer (1900 – 2002) e de Paul Ricoeur (1913 – 2005). Segundo as bases apresentadas por Ricoeur o domínio das massas leva em consideração quatro fundamentos que influenciam a hermenêutica utilizada: os símbolos culturais; as condições culturais; as experiências dos leitores e a polissemia, ou os diversos significados dos textos e das pregações vinculadas ao texto sagrado são largamente utilizados como fontes de poder e controle das massas. A partir do estudo realizado é possível avaliar que as bases interpretativas utilizadas por grupos como o Estado Islâmico, podem ser consideradas a partir de quatro fundamentos, os símbolos culturais, as condições culturais, as experiências dos leitores e a linguagem polissêmica, propiciando uma forma de enquadramento e controle dos grupos sociais a partir do texto sagrado, impondo limites e a forma de pensar e agir de seguindo os ditames impostos pelos líderes religiosos, os quais se tornam líderes políticos.

Palavras-chave: Hermenêutica; Estado Islâmico; Paul Ricoeur; Grupos Sociais.

Abstract: This paper studies the use of sacred literature to control the masses, analyzing the case of the Islamic State according to Paul Ricoeur's hermeneutical approach, evaluating the social, economic, political and religious implications. The form of domination does not exist only through the so-called "divine revelation", but through the scriptural basis presented by representatives of religious groups who use a hermeneutical form, often allegorical or literalist, to implement their worldviews. Thus, the force of domination of the masses, which can be identified as social groups, cities and even countries, ultimately emanates from sacred literature; to disobey it is to disobey divine ordinances. The methodology applied to the work is divided into historical-bibliographical research on Islam, the emergence of the Islamic State of Iraq and Syria, an Islamic fundamentalist group that committed

¹Bolsista do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. Professor do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Computação e Sistemas da Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: paulofernandes@professor.uema.br

²Professor do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. E-mail: kmartins@ifma.edu.br

terrorist attacks in several regions of the world, the classical hermeneutical approach of Friedrich Schleiermacher (1768-1834) and Wilhelm Dilthey (1833-1911), the phenomenology of Edmund Husserl (1859-1938) and Martin Heidegger (1889-1976) and the contemporary basis of Hans George Gadamer (1900-2002) and Paul Ricoeur (1913-2005). According to the bases presented by Ricoeur, the dominance of the masses takes into account four foundations that influence the hermeneutics used: cultural symbols; cultural conditions. The experiences of readers and polysemy, or the diverse meanings of texts and sermons linked to the sacred text, are widely used as sources of power and control over the masses. Based on the study carried out, it is possible to assess that the interpretative bases used by groups such as the Islamic State can be considered based on four foundations: cultural symbols, cultural conditions, readers' experiences and polysemic language, providing a way of framing and controlling social groups based on the sacred text, imposing limits and the way of thinking and acting according to the dictates imposed by religious leaders, who become political leaders.

Keywords: Hermeneutics; Islamic State; Paul Ricoeur; Social Groups.

INTRODUÇÃO

A hermenêutica, que é a arte e a ciência da interpretação, abrange mais do que apenas a letra pura e simples de textos, jurídicos, históricos e religiosos (Ricoeur, 2006). Suas bases e formas, consciente ou inconscientemente, tem sido utilizada para direcionamento de decisões que podem ser decisivas em um processo jurídico, bem como na organização de uma nação e nas decisões políticas de um ou diversos povos, como o grupo Talibã no Afeganistão (Pereira, 2024). Assim, o estudo das bases hermenêuticas de escrituras sagradas pode indicar uma perspectiva da forma de controle das massas, ou seja, grupos sociais, que podem abranger pequenas instituições religiosas, bem como cidades ou mesmo países.

O objetivo do presente trabalho é avaliar o uso da literatura sagrada no controle das massas, ou seja, grupos sociais, analisando o caso do Estado Islâmico de acordo com abordagem hermenêutica de Paul Ricoeur, avaliando suas implicações sociais, econômicas, políticas e religiosas.

“Governar um Estado significará, portanto, estabelecer a economia ao nível geral do Estado, isto é, ter em relação aos habitantes, às riquezas, aos comportamentos individuais e coletivos, uma forma de vigilância, de controle tão atenta quanto a do pai de família” (Foucault, 1979, p. 165), assim trata Foucault das relações entre as três formas de governo (o governo de si – a moral, o governo da família e da casa – a economia e o governo do Estado – a política), principalmente na relação da economia política do Estado abordada por Rousseau. O que valida este “controle”? O que faz com que as pessoas permitam essa “*forma de vigilância*” sobre elas? Diversos são os canais para a detenção deste poder. Os atos heroicos, a vitória em batalhas, a genealogia imperial, a riquezas, o carisma, são algumas fontes das quais imanam o controle das massas. Uma dessas fontes é poder exercido pelo representante de Deus ou dos deuses. O poder de influenciar e controlar as massas advindas dos que estão na obra santa da “vontade divina”. Na maioria dos grupos religiosos contemporâneos, como os cristãos, os judeus, os mulçumanos,

os hinduístas, os budistas, entre outros, este fator consolidador e a interpretação dos textos, considerados, sagrados.

O Estado para Michel Foucault não é uma entidade fixa ou um sujeito autônomo, mas sim uma configuração de múltiplas técnicas de governamentalidade que emergem historicamente, por isso ele analisa a entidade como um efeito das relações de poder e das práticas governamentais. O conceito não se limita a uma instituição soberana, mas gerencia a vida das populações através de mecanismos de biopolítica. Isso significa que as políticas estatais organizam a saúde, a demografia e a segurança da sociedade como um todo (Foucault, 2008). O fator de reverência e obediência das massas, ou grupos sociais, não é voltado apenas para o líder, ou líderes dos grupos religiosos, mas para à expressão dada como palavra divina, interpretada e aplicada pelos agentes detentores do controle. O fundamento do controle das massas está nas bases de interpretação e aplicação do texto sagrado, numa maneira não apenas exegética, mas de uma forma mais abrangente, uma hermenêutica que engloba fatores históricos, culturais, sociais, políticos e econômicos. Dentre muitos, dois grupos podem ser destacados pelo controle das massas pelo uso dos textos sagrados do Estado Islâmico, o qual utiliza uma hermenêutica própria, a literalidade fundamentalista, para o controle dos grupos sociais os quais têm contato. A palavra hermenêutica (Gr. ἑρμηνεύειν) significa declarar, anunciar, interpretar ou esclarecer, ou ainda traduzir, ela representa “uma multiplicidade de acepções, as quais, entretanto, coincidem em significar que alguma coisa é tornada compreensível ou levada à compreensão. Isto acontece em qualquer enunciado linguístico, que pretenda despertar uma compreensão, tornando algo inteligível” (Coreth, 1973, p. 2).

A hermenêutica pode ser observada em três estágios: **A exegese de textos sagrados**, onde se debruçam personagens como Agostinho de Nipona, Marinho Lutero e João Calvino; **A hermenêutica romântica do século XIX**, que têm Friedrich Schleiermacher e Wilhelm Dilthey como seus principais representantes, em que se pretendia compreender o autor, e consequentemente o texto, melhor do que ele se compreendia a si mesmo. Segundo Ricoeur “a hermenêutica de Schleiermacher e Dilthey tendia a identificar a interpretação com a categoria de ‘compreensão’, e a definir compreensão como o reconhecimento da intenção de um autor desde o ponto de vista dos destinatários primários na situação original do discurso” (Ricoeur, 2006, p. 37);

A hermenêutica contemporânea, onde se apresentam vertentes como a fenomenologia de Edmund Husserl, a ontologia de Martin Heidegger; e **As vertentes da crítica histórica**, que

tem Hans-Georg Gadamer e Paul Ricoeur como principais representantes. Para Gadamer, a interpretação do discurso não deve ser dissociada da história e dos preconceitos do intérprete, pois é a partir dele que a cortina da interpretação é aberta (Gadamer, 1997, p. 708). Para Ricoeur a ação fenomenológica-histórica está presente, não apenas na polissemia da linguagem ou na diversificação limitada da interpretação, mas nas próprias atitudes do indivíduo que age e interage com o texto de um modo dinâmico (Ricoeur, 2006).

O Estado Islâmico do Iraque e da Síria (*Islamic State of Iraq and Syria - ISIS*), também chamado de Estado Islâmico (EI), é um fenômeno religioso mundial, que tem chamado a atenção do ocidente e do oriente. O grupo foi instituído por Abu Bakr al-Baghdadi, declarado califa, ou seja, descendente e sucessor do profeta Muhammad (Maomé) como líder político e espiritual da comunidade islâmica, no primeiro dia do *Ramadã*, o mês do jejum muçulmano, em 28 de junho de 2014. Em suas palavras iniciais al-Baghdadi deixou claro que a partir daquele momento o mundo estava dividido em dois campos, “o primeiro era o campo dos muçulmanos e dos mujahidim (guerreiros sagrados) por toda parte, o segundo era o campo dos judeus, dos Cruzados e seus aliados” (Weiss; Hassan, 2015, p. 13). Apesar de recente, a força de atração de adeptos é diferente do que se tem observado em outros grupos islâmicos, principalmente pela grande inclusão de europeus na chamada *Jihad*. O entendimento da hermenêutica utilizada pela Estado Islâmico pode indicar o meio utilizado para a influência e controle de grupos diversos em países de culturas diversas.

O Estado Islâmico tem como principais objetivos:

- O estabelecimento de um Califado, sob a regência de homem, descendente de Mohamed (Maomé), que exerça a autoridade para implantação da religião e lei islâmica de forma universal;
- A expansão global do Jihadismo, organizando ataques contra os, considerados, inimigos da fé islâmica, dos quais se destacam, a cultura ocidental e o Estado de Israel;
- A rejeição das fronteiras estabelecidas após a Primeira Guerra Mundial e buscava restaurar um califado histórico;
- O uso de violência como propaganda digital política, buscando recrutar membros e disseminar sua ideologia.

As relações de poder no EI são baseadas em uma hierarquia patriarcal, no qual há a subjugação das mulheres, as quais eram restringidas ao papel de esposas, mães e serviços dentro da sociedade controlada pelo grupo. Eram obrigadas a seguir rígidas normas de vestimenta e comportamento, podendo ser punidas, e seus maridos, com açoites, prisão e a

morte. Os casamentos forçados e a escravidão sexual eram realidade nos locais de domínio do EI. O ISIS capturava mulheres, especialmente de minorias religiosas como os yazidis, para serem vendidas como escravas sexuais ou forçadas ao casamento com combatentes (Pimenta, 2023). As mulheres têm funções administrativas e de liderança secundárias dentro do regime, embora algumas mulheres tivessem participação limitada em atividades como recrutamento e propaganda, a maioria era excluída da liderança e das decisões militares ou políticas.

Uma possibilidade para o entendimento da efetividade de grupos no controle das massas, ou grupos sociais, é a avaliação da forma e métodos de interpretação dos textos sagrados, a partir da abordagem da hermenêutica de Paul Ricoeur. O Estado Islâmico é um grupo fundamentalista, de raiz islâmica, e que tem atraído a atenção dos países ao redor do mundo por arregimentar um grupo heterogêneo de seguidores, patrocinando e influenciando ataques terroristas em diversos países.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A hermenêutica se caracteriza por ser a arte e a ciência da interpretação, a palavra significa interpretar um texto, elucidar o que ocorre (Coreth, 1973). Em seus primórdios ela estava vinculada apenas a exegese dos textos bíblicos e no demais as aplicações à realidade vigente de seus intérpretes. Como indica a Enciclopédia de Filosofia de Stanford (Ramberg; Giesdal, 2009) o termo abrange em primeiro lugar a arte e em segundo a teoria da compreensão de expressões linguísticas e não linguísticas. A hermenêutica como teoria da interpretação volta-se para a antiga filosofia, na idade média e no renascimento ela emerge como um ponto fundamental para os estudos bíblicos. Como afirma Ricoeur o problema hermenêutico surgiu, antes de tudo, dentro dos limites da exegese, ou seja, no contexto de uma disciplina dedicada à compreensão de um texto, buscando interpretá-lo a partir de sua intenção e do significado que pretende transmitir (Ricoeur, 2005).

A partir do século XIX a hermenêutica toma novos ares com os trabalhos de Friedrich Schleiermacher (1768 – 1834) e Wilhelm Dilthey (1833 – 1911). Com Schleiermacher a hermenêutica toma como rumo, o compreender o discurso tão bem quanto o autor e depois melhor que o próprio autor, para isto o receptor deve imergir no mesmo contexto social e linguístico do emissor. As dimensões gramatical e histórica devem estar operando de maneira que se possa recriar o contexto social do autor. Esta interpretação é considerada negativa, pois estabelece os limites da compreensão. A compreensão positiva está relacionada ao caráter

psicológico, denominada técnica, que se permite chegar ao cerne ou o espírito da pessoa (Díaz, 2006).

A pesquisa sobre diferenciação metodológica entre as ciências naturais e as ciências, chamadas, do espírito, o que hoje chamamos de ciências da humanidade ou sociais é introduzida por Dilthey. Segundo Dilthey as ciências do espírito “são compreensivas, não tratam seus objetos como algo externo que simplesmente deve ser compreendido, senão que os tratam como algo que forma parte da própria realidade vital do sujeito, que ao intentar compreendê-los está na realidade tentando compreender a si mesmo” (Díaz, 2006, p. 12). Para ele a compreensão não é apenas um fato linguístico, como afirmava Schleiermacher, mas histórico, vinculado à “experiência da vida de todos os homens, seus sentimentos, sua compreensão do próprio mundo social e cultural e são externadas por meio de expressões vitais” (Santos, 2008, p. 38). Segundo Ricoeur, Dilthey, “tentou dotar as ciências do espírito de uma metodologia e de uma epistemologia tão respeitáveis quanto as das ciências da natureza”, ele “se situa nessa encruzilhada crítica da hermenêutica, onde a amplitude do problema é percebida, muito embora permaneça colocada em termos do debate epistemológico característico de toda a época neokantiana” (Ricoeur, 1990, p. 23). Para Dilthey, o conhecimento é construído pela ação do indivíduo sobre a realidade, assim são as experiências do indivíduo no decurso de sua vida que determina o seu conhecimento, ele é o agente do conhecimento (Zagni, 2012).

Outra abordagem hermenêutica é a fenomenologia de Edmund Husserl (1859 – 1938). A fenomenologia se caracteriza por ser uma corrente filosófica e se distingue da hermenêutica, contudo, possui “importantes pontos de contato com ela devido a sua distinção entre o mundo natural e o mundo espiritual ou fenomenológico” (Díaz, 2006, p. 14). Para Husserl a fenomenologia é uma permanente busca sobre o que é considerado evidente, uma dúvida frente a aspiração de objetividade que buscam as demais ciências (Díaz, 2006). A hermenêutica fenomenológica trata de penetrar na consciência do autor por meio da análise objetiva e desinteressada da obra, assim o mundo da obra não é uma realidade objetiva, tratando-se de uma realidade experimentada e organizada no texto pelo autor, formalizando uma crítica não histórica, idealista e formalista, focalizando como o autor experimenta o tempo e o espaço, buscando o significado interior da obra (Chialva, 2007).

A ontologia da compreensão de Martín Heidegger (1889-1976) é desenvolvida dentro do âmbito da fenomenologia de Husserl. Heidegger inicia a hermenêutica existencialista “a partir da união da busca do essencial do mundo por parte da fenomenologia de Husserl com a concepção histórica defendida pela hermenêutica de Dilthey e com o interesse pelos aspectos

concretos da existência humana de Nietzsche e de Kierkegaard, Heidegger considera que a função da filosofia é o retorno à estrutura originária da realidade mesma” (Díaz, 2006, p. 48). Ele realiza uma hermenêutica do ser, ao que Ricoeur chama de “via curta”, o que considera a ontologia da compreensão, pois rompe os debates do método e se é aplicado a uma ontologia do ser finito, encontrando o compreender como um modo de ser e não apenas de conhecimento (Ricoeur, 2005). Segundo Ricoeur, não se entra gradativamente na ontologia da compreensão, pelo contrário deve-se adentrar a ela por uma imersão da problemática, cuja questão central é o significa compreender e o que é um ser (Ricoeur, 2005).

Hans George Gadamer (1900 – 2002), foi discípulo de Heidegger, porém, segue por um caminho diferente no tocante à historicidade da ação hermenêutica. Para Gadamer o ser humano está ligado a uma situação histórica, e todos os fatores culturais a ele relacionados, que determinam a pré-compreensão pelo intérprete (Gonçalves, 2013). Para Gadamer o conhecimento prévio do intérprete é tão importante, que Ricoeur avalia que para Gadamer o preconceito representa o horizonte do presente e a limitação do próximo em sua abertura para o distante, são os preconceitos do indivíduo, mais do que seus juízos, que dão forma à realidade histórica (Ricoeur, 1990).

O polo da interpretação do discurso, ou mesmo da realidade, volta-se para o intérprete, e não para o texto em si. Dependendo das perguntas realizadas e formas de abordagem do texto, levando em consideração todo o arcabouço cultural, o texto adquire independência do autor, rodeado por múltiplas interpretações que se realizarão e que, agora unido autor e intérprete faz parte de sua tradição (Chialva, 2007). Com isto, Gadamer não se afasta da fenomenologia, pois ele mesmo, Em Verdade e Método, chama seu trabalho de “o problema da imanência fenomenológica” (Gadamer, 1997, p. 10).

Em Interpretação e Ideologias, Ricoeur, avalia o trabalho de Gadamer como movimento de retorno da ontologia em direção aos problemas epistemológicos, dividindo a hermenêutica em três esferas: a **estética**, no qual “a experiência de ser apreendido pelo objeto procede e torna possível o exercício crítico do juízo”; a **histórica**, em que “a consciência de ser carregado por tradições que me precedem é o que torna possível todo exercício de uma metodologia histórica no nível das ciências humanas e sociais”; e a **linguística**, “que atravessa as duas precedentes, a co-pertença às coisas ditas pelas grandes vozes dos criadores de discurso, precede e torna possível todo tratamento científico da linguagem, como um instrumento disponível, ..., por técnicas objetivas, as estruturas do texto de nossa cultura” (Ricoeur, 1990, p. 38-41).

Paul Ricoeur (1913 – 2005), filósofo francês, discípulo de Husserl, trata a hermenêutica a partir de uma abordagem histórica-fenomenológica. Sua abordagem “começa em construir uma filosofia da vontade ... A vontade deveria ser analisada em si mesma, e seus elementos seriam o decidir, o agir e o consentir” (Cesar; Patrocínio, 2012, p. 1). Para ele a hermenêutica pode ser observada em três sentidos: a hermenêutica dos símbolos, a do texto e a da ação, e no decurso da meditação nos temas ele “desenvolve a hermenêutica como decifração do desejo de ser e como compreensão das estruturas fundamentais da vontade humana que, em virtude do mal, desfigura a forma de agir do homem” (Cesar; Patrocínio, 2012, p. 1).

A hermenêutica de Ricoeur é um processo que consiste em duas partes conjecturar (compreender) e em validar (explicar) o discurso abordado. Este é processo dialético, e a validação é possível como uma disciplina científica, pois existe mais de uma forma de interpretar um texto, o que deve a sua polissemia, ou seja, cada indivíduo interage com o texto de forma de diferente projetando diferentes interpretações, inclusive interpretação não intencionadas pelo autor, porém estas interpretação não são infinitas, mas que a pluralidade de significados existentes na ação humana constituem a base para esta limitação de interpretações, e que existe um círculo hermenêutico, “que consiste na correlação entre interpretação e compreensão, entre compreensão e interpretação” (Becherine, 2014, p. 22).

A abordagem fenomenológica-histórica de Ricoeur, não dissociada o homem do tempo, mas o faz existir e cooperar nele, englobando à hermenêutica: a ontológica, com a compressão do homem; uma metodológica, propondo um método de interpretação de textos mais abrangente do que apenas a exegese pura e simples; e a crítica histórica-fenomenológica, que avalia e crítica as ideologias. A hermenêutica em Ricoeur, considera os símbolos, a linguagem e sua polissemia e todos os fatores culturais envolvidos no intérprete, buscando uma compreensão abrangente, uma hermenêutica filosófica e uma filosofia hermenêutica.

O ESTADO ISLÂMICO

O termo fundamentalista foi inicialmente pelos cristãos do início do século XX que queriam se destacar do movimento liberal (Armstrong, 2001). Nos últimos decênios os termos que sido utilizado para identificar qualquer prática relacionada a atividade religiosas consideradas extremistas.

O islamismo é uma das maiores religiões do mundo, contando com quase 1 bilhão de adeptos. O nascimento do islã remonta ao século VI, quando um vendedor da cidade de Meca, casado com uma rica viúva, Khádídja, conhecido por Abulgasim Muhammad

ibn Abdullah ibn Abd al-Muttalib ibn Hāshin, *Muhammad* ou Maomé (570 – 632), afirmava ter recebido revelações do Deus verdadeiro, *Alah*, por meio do anjo Gibraim, Gabriel, que teria lhe entregado a tábuas com escritas divinas, e promove uma conversão ao monoteísmo por meio da palavra e da espada. Ainda em vida Muhammad implementa o registro de sua doutrina e acontecimentos, com o principal livro sagrado do islã concluído muitos anos após sua morte, o *Al Quran* (Alcorão) ou *Quran* (Corão), palavra que significa recitação. Outros escritos considerados sagrados são: a *Sunnah*, uma coleção de tradições com provérbios morais, e o *Ijma* (Cabral, 1980).

O islã, submissão, está baseado em cinco fundamentos todos abalizados pelo *Al Quran* (Saifi, 2010):

O Testemunho, o *Shahad*, em que o monoteísmo é asseverado no testemunho de que não há outra divindade além de Alah, e a crença em seu mensageiro é Muhammad, “Não há outra divindade além de Deus e Muhammad é servo e mensageiro de Deus”;

A Oração, *al-Salah*, que é a primeira das adorações instituídas por Deus no Islã e foi a única transmitida pelo profeta Muhammad, o que na verdade é uma recitação repetida pelo menos 5 vezes ao dia (na alvorada, ao meio-dia, à tarde, ao pôr do Sol e à noite), onde o muçulmano, nome dado aos submissos, ajoelham-se e tocam com a testa no solo. Esta obrigação recai sobre homens e mulheres, adolescentes que atingem a puberdade e por todos os que gozam boas faculdades mentais;

O Zakat, que é um tipo de oferta, alguns traduzem por esmola, mas que alguns acreditam que não há uma tradução correta para o termo árabe;

O Jejum, *Saum*, no mês de Ramadan, é uma prática obrigatória a todo muçulmano que atingiu a puberdade, que se inicia pela manhã e vai até o pôr do sol, não se limita apenas a comida ou bebida, mas ao ato de fumar ou manter relações sexuais; e

A Peregrinação, *Hajj*, consiste na visita que os muçulmanos realizam na cidade sagrada de Meca, na Árabia Saudita, com a intenção de realizar uma série de rituais durante os dias de peregrinação. No *Hajj*, são utilizadas roupas simples, eles buscam eliminar as distinções de classes e cultura entre as pessoas.

A Jihad, é a guerra santa, a luta em favor da causa do islã. Todo muçulmano que morrer nesta guerra no mês de Ramadã tem passagem direta ao paraíso de Alah, que é um harém com 72 virgens, para as mulheres, caso sejam virgens, serão esposas de Muhammad, caso casadas, serão esposas de seus maridos na eternidade.

A forma mais radical da implementação do islã, ficou seu pendão nos países do Oriente Médio. Nestes países o próprio texto sagrado foi e é utilizado como lei jurídica e constituição das nações, a chamada *Shari'a*. Assim, a religião se funde com Estado, sendo controladora das liberdades de seus povos, fundamentada pelas tradições e pelas interpretações dos textos sagrados, ainda que existam pensadores que buscam um meio termo entre o estado laico e o estado religioso (Hallaq, 2009).

Uma perspectiva sobre as instituições nacionalistas, que são defensoras da implantação da *Shari'a* e da fé islâmica universal, se baseiam suas atividades nas interpretações de seus líderes dos textos sagrados. O que necessária estão associados movimento extremistas, com atuações que envolvem atentados contra vida dentro e fora de suas respectivas zonas imediatas de atuação, que não representa mudanças estruturais internas de países, com choques culturais e lutas pela manutenção de suas tradições (Asad, 2017). O nascimento do Estado Islâmico pode ser compreendido como um caso dessa vertente, que segundo Weiss e Hassan (2015), Luaria, Silva e Ribeiro (2015) está associado a um grupo de acontecimentos motivados principalmente pelo jordaniano Abu Musab al-Zarqawi. Após um período de desorientação, al-Zirqawi dedica-se ao islamismo, batalhando, principalmente nas regiões do Iraque, Síria e Afeganistão, chegando a manter fino contato com a Al-Qaeda, instituição terrorista liderada por Osama bin Laden, fundando uma organização no Iraque, que após anos muda de nome e passa a ser chamada de Al Qaeda do Iraque (AQI). Com sua morte em 2006, o segundo homem no comando, Abu Omar al-Baghdadi, assumi o comando da organização. Após 2011 a AQI recebe apoio financeiro para entrar na guerra do Iraque de maioria sunita, mas que tinha seu governo composto por xiitas. Em 2013 al-Baghdadi anunciou a união de suas forças no Iraque com a da frente Síria, forma uma só organização, O movimento foi primeiramente conhecido como Estado Islâmico do Iraque (*Islamic State of Iraq – ISI*), em 2006 a abril de 2013, depois denominado Estado Islâmico do Iraque e Síria (*Islamic State of Iraq and Syria – ISIS*), abril de 2013 a junho de 2014, recebendo a denominação de Estado Islâmico (*Islamic State – IS*), a partir de junho de 2014 (Buzel, 2015).

O EI é autor declarado de diversos ataques terroristas em diversas partes do mundo, tem seus recursos adquiridos por doação de diversas instituições e pessoas físicas, além da exploração do petróleo das terras ocupadas e dos impostos cobrados dos moradores da região, além de aplicações ainda não contabilizadas totalmente pelas entidades internacionais.

Para muitos o EI é sinônimo de terror, medo, morte e destruição, para outros tantos do Oriente Médio como da Europa, América é indicativo de liberdade, da luta em torno de uma

causa santa, a obra de Alah, estando na *Jihad*, nada tem a temer, pois Alah os espera de braços abertos e seu harém com as 72 (setenta e duas) virgens os espera. A análise da hermenêutica utilizada por este grupo pode trazer luz ao fato incontestável do arregimentar de grupos de jovens, homens e mulheres de diversas nações para concorrer à causa do EI.

A HERMENÊUTICA ISLÂMICA

A interpretação dos textos sagrados islâmicos é um fenômeno mais recente do mundo islâmico. O Corão para o muçulmano é uma regra que deve ser implementada em todas as circunstâncias da vida, seja ela pessoal, política, filosófica, comercial, acadêmica, amorosa, entre outras, não apenas religiosa. As implicações da vivência cotidiana do da Shari'a, em muitos casos, promove o entorno da vida sociais a meandros do tempo em que foi escrito o livro sagrado. As diversas inovações tecnológicas e as alterações sociais decorrentes geraram a necessidade da adaptação, ou interpretação correta do Corão para a nova realidade. É neste ponto que entra o estudo interpretativo da lei islâmica. A literalidade e objetividade dos textos sagrados islâmicos não é contestada, mas implementada de forma a abranger a forma de vida contemporânea, pelo menos esta é a asseveração dos movimentos fundamentalistas islâmicos.

Segundo Mohseni (2014), citando Andrew Rippin, o trabalho de al-Tabari no décimo século dividiu a interpretação da literatura sagrada em duas núcleos: a interpretação pela tradição (*tafsir bi-al-ma'thr*), que depende primariamente da tradição exegética de Mahomé e seus companheiros; e a interpretação por opinião (*tafsir bi-al-ra'y*) que envolve a interpretação baseada em opiniões pessoais do interprete, mais especificamente sua racionalidade, e sua análise teológica ou filosófica aplicada ao texto. Estas duas categorias entre as duas mais correntes teológicas que são as do *Asharite* e do *Mu'tazilite*.

De acordo com Wansbrough (2004) podem ser identificados cinco princípios exegéticos da hermenêutica islâmica: a narrativa (*haggadic*), que envolve os textos que se relacionam com as histórias judaicas; o legal (*halakhic*), nesta parte são indicadas as implicações judiciais a serem tomadas na vida islâmica, as obrigações do muçulmano na guerra de Deus contra seus inimigos; o textual ou *masoretic*, ele consiste basicamente de três elementos a explanação léxica, a análise gramatical e no aparelhamento das variantes, dois instrumentos exegéticos são exigidos na interpretação, a analogia textual e paráfrase, tudo em consonância com a flexibilidade da poesia árabe; o retórico e alegórico, que expressão o uso de figuras de linguagem e interpretações mais livres, semelhantes aos aplicados na Bíblia Sagrada pela corrente de interpretação alegórica. O foco central da interpretação do EI para a literatura

sagrada está na literalidade dada ao texto, na forma de aplicação da realidade observada nos livros sagrados e na implementação na vida cotidiana.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A forma hermenêutica proposta por Ricoeur oferece indicações para o entendimento da forma de controle das massas por grupos religiosos diferentes, como o impetrado pelo Estado Islâmico. A hermenêutica do Estado Islâmico no controle das massas, em uma avaliação segundo a abordagem de Paul Ricoeur, pode ser identificada com os símbolos culturais, as condições culturais, as experiências os leitores e a polissemia.

- **Os símbolos culturais** identificam a forma de viver e pensar de um povo e para os membros do EI os símbolos são utilizados como forma atrativa. O EI os seus membros vêm nos símbolos utilizados uma forma de retorno ao passado glorioso do poder muçulmano, em um momento em que Allah detinha todo o poder econômico, político, cultural e religioso sobre a terra conquistada. Ambos olham para um passado, buscando nele símbolos escriturísticos, ainda que puramente alegóricos como forma de basear suas crenças e atitudes. O Estado Islâmico utiliza vários símbolos culturais e religiosos para representar sua ideologia e objetivos.

Bandeira Negra da Jihad, conhecida como *al-rya*, na qual é apresentada a inscrição da *Shahada*, declaração de fé islâmica, e o selo do Profeta Muhammad. A *Shahada*, que é a declaração de fé islâmica, iniciada por “Não há deus senão Allah, e Muhammad é seu mensageiro”, estando presentes em bandeiras e outros materiais de propaganda do EI. A bandeira é usada por grupos como Al-Shabaab e o Boko Haram. Na bandeira é ilustrada a Luta contra o mal, ou batalha a favor da causa islâmica, a *jihad*. Os participantes utilizam os símbolos e frases que evocam a ideia de uma luta sagrada, no qual estão a serviço divino. Procurando se identificar como servos de *Allah*, guerreiros de uma guerra santa, da qual herdaram os benefícios do reino, reconhecimento como representantes da vontade de *Allah* em vida, e os prazeres eternos como mártires.

A arquitetura e a arte são pontos importantes no Estado Islâmico. O EI executaram a destruição de muitos sítios históricos e artefatos, eles utilizam a arquitetura islâmica tradicional e a caligrafia árabe em suas propagandas para legitimar sua causa e atrair seguidores. Os membros do EI consideram os achados históricos e arqueológicos como símbolos pagãos, que vão contra a vontade de *Allah*, e por este motivo, devem ser apagados da história, tornando-se uma perda cultural, histórica e arqueológica para o mundo (Clapperton; Jones; Smith, 2017).

- **As condições culturais** dos dois povos são uma forte indicação de que a proliferação da dominação por meio escritura sagrada é viável e bem aceita. Esses dois movimentos proliferam em populações com registro de muito sofrimento, seja pela falta de condições básicas de vida, seja pela ingerência de conflitos armados, insegurança financeira, política, social e familiar. O que é prometido por ambos é a saída rápida e total do sistema vigente que os aprisiona, seja pela interferência iminente de Deus/Allah, ou pelo fim da vida e início do reino do paraíso no mundo pós vida. Isto faz com que as pessoas prossigam em um limiar de ansiedade para sair da situação atual de forma rápida e cabal. O local de infusão do pensamento dominante do EI indicam apresentam algumas características, como baixo índice de desenvolvimento humano, guerras territoriais constantes, instabilidade econômica, forte apelo religioso como base da vida diária. A situação econômica, social e política degrada, unida por um forte vínculo religioso, permitiu facilitou a manipulação de grande parte do povo, principalmente dos mais jovens. O força da interpretação do texto, dito, sagrado, trouxe muitos dos que procuravam um sentido para a vida, uma saída “simples”, para os problemas complexos, que envolvem forças internas e externas à sua região ou país.

As experiências dos leitores estão associadas às condições culturais vigentes em suas realidades. Assim, um povo que cresce sem esperança, sem muita instrução e acreditando que quase tudo pode ser explicado por fenômenos extrassensoriais, se torna um alvo mais fácil àqueles que manipulam as escrituras sagradas para o controle das massas, levando-os a situações que dificilmente seria executado por pessoas com maior instrução ou experiências diferentes. A ideia de o poder sentir as “realidades espirituais” no agora é explorada nas experiências como o recebimento de poder, capacitação para fazer coisas não comuns, visões, êxtase, profecias, e coisas semelhantes. A indicação é utilizar essas experiências, tanto fora quando dentro do movimento para explicar a atuação do grupo, dando validade espiritual à todas as atividades executadas pelos grupos como sendo a vontade explícitas de Deus/Allah. Assim, o sofrimento passado e presente, e o que se passa dentro e fora do movimento, são entendidos como sinais divinos da aprovação sobre o que deve, ou não deve ser feito.

- **A Polisssemia**, ou os diversos significados dos textos e das pregações vinculadas ao texto sagrado são largamente utilizados como fontes de poder e controle das massas. A leitura de algo da escritura, mesmo que não tenha sido o divino a ter dito, torna-se como forma de ordenança, no qual os partícipes não podem ser escusar em realizar, dizer ou pensar. A dominação se baseia no uso das palavras em todos os sentidos, não apenas o literal, mas no alegórico, ou mesmo aplicando texto diretamente ao preletor, fazendo com que suas palavras

tenham força divina e sua vida seja vista como exemplo a ser seguido por todos. Esta realidade é aplicada largamente e sem moderação por grupos, ditos, fundamentalistas, como o Estado Islâmico. A determinação do que fazer, quando, como e com quem, torna-se algo a ser decidido não pela consciência regida por uma ética geral, mas por preceitos indicados pelos gestores como conhecimento divino. Os conceitos de moral e ética podem ser restritos ou abrangidos de acordo com o indicado pelo líder ou pelas interpretações da escritura sagrada do Iman, líder religioso, ou qualquer outro detentor da “sabedoria divina” ou da “vontade” soberana de Deus.

Apesar de situações sociais, políticas e culturais diferentes, o EI, assim como outros grupos terroristas e fundamentalistas, utilizam uma hermenêutica própria, dissociada de outros correlatos, para implantar a influência de dominação sobre os seus membros. A forma de pensamento categórica é a de estar sob a ordenação/orientação divina, fazendo assim algo solicitado, ou ordenado pelo poder supremo do universo, independentemente do que é requisitado. Isto leva pessoas, aparentemente, cômicas, a fazer coisas extravagante, vexatórias, infantis e até mortais.

A forma de dominação não se dá apenas pela simples ‘revelação divina’, mas pelo embasamento escriturístico apresentado pelos representantes dos grupos religiosos. Assim a força de dominação, em última análise, imana da literatura sagrada, desobedecê-la é desobedecer às ordenanças divinas. O líder, profeta, apóstolo, imã, patriarca, pastor, bispo, padre, ou outro título dado, coloca nas escrituras sagradas a base de sua aceitação e imposição de vontade ao grupo. Os princípios de defesa culturais ou de preservação da identidade de um povo, país ou nação não é o ponto observável da pesquisa, mas o uso da hermenêutica de entidades fundamentalistas, com atividades compreendidas como terroristas, que podem causar perdas de vidas e materiais, que é ponto central. A principal vertente é a análise dos fatores do controle de grupos sociais a partir de textos considerados sagrados, a partir de uma visão hermenêutica capaz de indicar pontos para identificação da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi apresentada uma avaliação do uso da literatura sagrada no controle de grupos sociais pelo Estado Islâmico de acordo com a perspectiva hermenêutica de Paul Ricœur. Na dominação das massas, ou grupos sociais, são utilizadas formas de interpretação dos textos considerados sacros, podendo ser alegóricas ou literais, formando um grupo coeso de regras que devem ser seguidas, procurando fundamentar suas atividades na escritura sagrada. A dominação imana de fatores escriturísticos, dos quais os participantes se sentem parte do todo,

membros de uma ordem maior, sob a direção divina.. A partir do trabalho realizado, fundamento na perspectiva de Paul Ricœur é possível avaliar que as bases interpretativas utilizadas por grupos como o Estado Islâmico podem ser analisadas a partir de quatro fundamentos, que são os símbolos culturais, que mantêm a unidade sobre o égide de pertencimento a um grupo ou classe, as condições culturais, que formatam a base para imposição da visão dominante do grupo, as experiências dos leitores, procurando foco nas relações sociais anteriores e vigentes, e a linguagem polissêmica, com as associações de conceitos e a manutenção de uma cadeia de comando, respeito e obediência fundamentada nas escrituras, ditas, sagradas, retirando sua fonte de poder das formas interpretativas alegóricas ou literais. Esses elementos permitem o enquadramento e o controle das massas, ou grupos sociais, por meio do texto sagrado, estabelecendo limites e influenciando a forma de pensar e agir de acordo com os ditames impostos pelos líderes religiosos, que também assumem o papel de líderes políticos.

AGRADECIMENTOS

Os autores são gratos à Universidade Estadual do Maranhão, ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Computação e Sistemas (PECS)-UEMA, ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica (PPGMEC)-IFMA, a Universidade Federal da Paraíba e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba pelo apoio no desenvolvimento deste projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, K. **Em Nome de Deus, o Fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo**. [S.l.]: Companhia das Letras, 2001.

ASAD, T. Pensando sobre tradição, religião e política no Egito contemporâneo. **Política e Sociedade: Revista de Sociologia e Política**, Santa Catarina, v. 16, n. 36, p. 347-402, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2017v16n36p347/35108>. Acesso em: 15 jun. 2024.

AYRES, J. **Ensaios sobre a Igreja na Pós-Modernidade**: Definições, setembro 2014. Disponível em: <http://www.napec.org/apologetica/ensaios-sobre-a-igreja-na-pos-modernidade-definicoes/>. Acesso em: 9 nov. 2016.

BECHERINE, A. La Vertiente hermenéutica: La Filosofía de Gadamer e la Síntesis de Explicar y Comprender de Ricoeur. **Questión**, La Plata, v. 1, n. 42, p. 15-28, junho, 2014.
BUZEL, C. From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State. **The Project on U.S. Relations with the Islamic World - Analysis Paper**, Washington, n. 19, p. 1 - 45, mar. 2015.

CABRAL, J. **Regliões, Seitas e Heresias à Luz da Bíblia**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Coleção Reino de Deus, 1980.

CESAR, C. M.; PATROCÍNIO, M. L. R. Hermenêutica: Abordagem Histórico-Crítica em Paul Ricoeur. **Evocati Revista**, Rio de Janeiro, n. 75, p. 1-3, mar. 2012. Disponível em: http://www.evocati.com.br/evocati/artigos.wsp?tmp_codartigo=523. Acesso em: 04 abr. 2016.

CHIALVA, U. Hermenêutica. **Monografias**, 2007. Disponível em: <http://www.monografias.com/trabajos55/corrientes-hermeneuticas/>. Acesso em: 04 abr. 2016.

CHRISTIAN, W. Em Profundidade Evangélicos. **Veja On-Line**, 2013. Disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/evangelicos/em_resumo.html. Acesso em: 12 abr. 2016.

CLAPPERTON, M.; JONES, D. M.; SMITH, M. L. R. Iconoclasm and strategic thought islamic State and cultural heritage in Iraq and Syria. **International Affairs**, Oxford, 2017. P.1205–1231.

CORETH, E. **Questões Fundamentais de Hermenêutica**. São Paulo: EPU - Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

DÍAZ, V. L. **Hermenêutica y Fenomenología - Husserl, Heidegger y Gadamer**. Valencia: EDICEP, 2006.

ESPERANDIO, M. R. G. **Para Entender Pós-Modernidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Disponível em: https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder_-_Michel_Foucault.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GADAMER, H.-G. **Verdade e Método**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GEISLER, N. **Enciclopédia de Apologética: Respostas aos Críticos da Fé Cristã**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2002.

GONÇALVES, A. A Hermenêutica de Hans-George Gadamer e a interpretação Bíblica: Uma Possível Contribuição. **Cibertoeologia - Revista de Teologia & Cultura**, Rio de Janeiro, n. IX, p. 3 - 14, abr. 2013.

HALLAQ, W. B. **An Introduction to Islamic Law**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

LAURIA, B. V.; SILVA, H. R.; RIBEIRO, P. G. O Estado Islâmico. **Série Conflitos Internacionais**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-6, abril, 2015.

LIPOVETSKY, G. **Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MATOS, A. S. D. O Desafio do Neopentecostalismo e as Igrejas Reformadas. **Instituto Presbiteriano Maackenzie**, 2013. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/7090.html>. Acesso em: 12 abr. 2016.

MCGRATH, A. **Paixão pela Verdade: a Coerência Intelectual do Evangelicalismo**. São Paulo: Shedd Edições, 2007.

MOHSENI, T. The Comparative Study of Qur'an Interpretation & Classic Hermeneutics. **International Journal of Business and Social Science**, v. 5, n. 9, ago., 2014.

MORELAND, J. P.; CRAIG, W. L. **Filosofia e Cosmovisão Cristã**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2005.

PEREIRA, A. C. A. Afeganistão: síntese histórica, resistência e humilhação de impérios. **Revista Interdisciplinar de Direito**, v. 22, n. 2, p. 1-26, 2024.

PIMENTA, M. Ex-escravas sexuais do Isis, mulheres yazidis recuperam a fé e a dignidade. **National Geographic Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/fotografia/ex-escravas-sexuais-do-isis-mulheres-yazidis-recuperam-a-fe-e-a-dignidade>. Acesso em: 12 abr. 2024.

RAMBERG, B.; GIESDAL, K. Plato Stanford. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 2009. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/hermeneutics/>. Acesso em: 10 abr. 2016.

RICOEUR, P. **Interpretação e Ideologias**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

RICOEUR, P. **O Conflito das Interpretações - Ensaio de Hermenêutica**. Porto: Rés, 2005.

RICOEUR, P. **Teoría de la Interpretación - Discursos y Excedente de Sentido**. 6ª. ed. Distrito Federal: Siglo Veintiuno Editores, 2006.

SAIFI, Z. A. Os Cinco Pilares do Islam. **Islam BR**, 2010. Disponível em: http://islambr.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=65&Itemid=61. Acesso em: 12 abr. 2016.

SANTOS, P. P. A. Breve Percurso Histórico da Hermenêutica Bíblica. **Atualidade Teológica**, p. 29-45, jan., 2008.

STEFANO, G. Os Pentecostais, os Neo-pentecostais, os Carismáticos. **Sola Scriptura**, 2012. Disponível em: <http://solascriptura-tt.org/Seitas/Pentecostalismo/PentecostaisNeoPCarismaticos-GilbertoStefano.htm>. Acesso em: 07 abr. 2015.

WANSBROUGH, J. E. **Quranic studies: Sources and methods of scriptural interpretation**. New York: Prometheus, 2004.

WEISS, M.; HASSAN, H. **Estado Islâmico Desvendando o Exército do Terror**. 1ª. ed. São Paulo: Seoman, 2015.

ZAGNI, R. M. Hermenêutica e História: A Crítica de Gadamer e de Ricoeur à Constituição da Realidade Histórica na Hermenêutica de Dilthey. **Jus Humanum – Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas e Sociais Da Universidade Cruzeiro do Sul**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 8-37, jun., 2012.